

A cultura árabe além de todos os clichês

Festival Arabesque, em Washington, leva mais de 800 artistas de 22 países ao centro de poder americano

Gilberto Scofield Jr.

Correspondente • WASHINGTON

São seis horas de uma sexta-feira, e o Grand Foyer do Kennedy Center for Performing Arts, às margens do Rio Potomac e ao lado do lendário conjunto de prédios Watergate está lotado de gente disposta a assistir a um show de hip hop e reggae. Alguém poderia se espantar ao saber que um dos mais prestigiados e ativos centros artísticos dos EUA, palco de apresentações de orquestras, óperas, peças e balés americanos e estrangeiros, possa estar agora se rendendo aos apelos populares de mestres do hip hop americano, como Jay-Z ou Kanye West.

Besteira. No palco do Kennedy Center, o que fez sacudir milhares de pessoas na semana passada foi um cantor da Somália chamado K'Naan, artista criado em plena guerra civil que se tornou um ídolo pop do país ao misturar hip hop e reggae a letras de protesto politizadas. K'Naan é apenas um dos cerca de 800 artistas que, desde 23 de fevereiro e até 15 de março, estão lotando todos os dias os vários salões do Kennedy no ambicioso — e impressionante — festival de cultura árabe chamado "Arabesque".



O TEATRO DE DANÇA Caracalla, do Líbano: um dos muitos espetáculos apresentados no Kennedy Center



A INSTALAÇÃO "Roha Vecchia", de Lara Baladi: caleidoscópio gigante



K'NAAN, ÍDOLO pop na Somália: o cantor pôs a plateia para dançar

Curadora acredita na arte como ferramenta para a paz

Ambicioso é um adjetivo apropriado para um festival que envolve tantos artistas de nada menos que 22 países. São oito instalações, 21 shows, nove debates literários e seis longas-metragens envolvendo companhias de dança moderna ou folclórica (como o Teatro de Dança Caracalla, do Líbano, ou o Al-Kindi Ensemble, da Síria), orquestras e grupos musicais populares e clássicos (como a Filarmônica do Qatar ou o toca-

dor de oud Ahmed Fathi, do Iêmen), literatura, cinema, artes plásticas (com destaque para a instalação "Roha Vecchia", da libanesa Lara Baladi, um gigantesco caleidoscópio de espelhos com imagens árabes), fotografia, pintura (a mostra "Rasgando o véu" reúne olhares femininos do mundo islâmico) e até joalheria (a designer egípcia Azza Fahmy mistura tradição árabe com formas modernas).

— Eu queria fazer um festival focado nesta região já há algum tempo — conta Alicia Adams, vi-

ce-presidente de programação internacional do Kennedy Center. — Nós já apresentamos muitos festivais internacionais, mas esta região me impressionava pela beleza e humanidade. Acredito que a arte é a melhor ferramenta para buscar interesses comuns, o que melhora o entendimento e fortalece a paz.

Alicia se refere a uma região vista com desconfiança por muitos americanos desde os ataques terroristas de 2001 e que, para alguns, se resume a um celeiro de homens-bomba.

A realização de "Arabesque" e o momento de mudanças no país, com o governo de Barack Obama, diz Alicia, foram uma "feliz coincidência", já que a ideia da mostra e o início da sua execução aconteceram há seis anos.

Nada melhor para reduzir estresses e esclarecer pessoas comuns sobre a diferente natureza do mundo do que um ambicioso festival cultural, segundo a brasileira Gilda Almeida, gerente de programação do Kennedy Center e a pessoa que de fato colocou este espetácu-

lo de US\$ 10 milhões de pé:

— É um trabalho de logística impressionante — conta Gilda. — Imagine conseguir 800 vistos durante oito meses num esforço envolvendo 30 diferentes consulados americanos em 15 países árabes e de outras regiões, como Europa e Canadá. Além disso, trouxemos duas toneladas de carga de seis países. São 2.900 diárias de hotel e cem contratos.

Para ela, a expectativa de trazer a cultura árabe para o conhecimento de um público es-

perado de 50 mil pessoas (até 15 de março) nos EUA vale a pena. A grandiosidade do público também seduz os artistas:

— É uma oportunidade única de mostrar ao mundo ocidental uma cultura rica como a árabe, evitando os clichês típicos de mostras menos ambiciosas — diz a designer Azza Fahmy. ■

O GLOBO EM SMS
Receba notícias culturais por torpedo. Envie OGLCULT para 88435 (R\$ 0,10 por mensagem, até três por dia)

CONTOS EM PORTUGUÊS • Continuação da página 1

Influências da poesia e da tradição oral nos textos de Couto e Hatoum

• MILTON HATOUM: *Mia, quase todos os contos de seu livro são confissões de personagens, histórias de vida em que a voz do narrador é também uma voz lírica. Para você, a poesia é inseparável da prosa?*

MIA COUTO: Sim, é inseparável. Talvez por deficiência, talvez porque eu não saiba fazer de outro modo. Poesia, para mim, não é algo que apenas se escreva. Mas que se vive. Parece uma "grande" declaração, mas a verdade é que, se não fosse escritor, creio que manteria uma relação poética com o mundo como condição para ser feliz. O meu pai é poeta e, mais do que entre livros, eu cresci num ambiente em que se valorizavam as pequenas coisas, a descoberta de beleza à moda de Manoel de Barros: brilhos entre cinzas e lixos. Lembro-me de meu pai me conduzir entre as velhas linhas do trem para descobrir pequenas pedrinhas brilha-

tes, tombadas dos vagões de minério. Ao redor havia a guerra colonial, um mundo inteiro que se despedaçava. Mas meu pai se entretinha como um menino a colecionar pedrinhas. Essa foi a minha primeira lição de poesia. Ainda hoje vivo assim, com olhos na terra cismando por faíscas de beleza.

• COUTO: *O domínio da oralidade (e da ruralidade) faz criar a ideia de que os moçambicanos são, todos eles, contadores de histórias. Tanto que, por vezes, me admira não o fato de ser escritor mas o inverso: difícil é alguém não ser escritor. Este discurso teria cabimento no Brasil?*

HATOUM: Vários escritores se inspiraram na oralidade. As histórias que Guimarães Rosa ouviu de capiaus do centro-norte de Minas Gerais são o ponto de partida da linguagem sofisticada e inventiva

elaborada pelo escritor mineiro. Ariano Suassuna e, em parte, Jorge Amado também se inspiraram em mitos e narrativas populares. A oralidade é importante na obra de Simões Lopes Neto, um ótimo contista gaúcho. E "Macunaíma", o clássico do nosso Modernismo, não teria sido escrito sem a pesquisa exaustiva de mitos, lendas e linguagens de várias regiões brasileiras, inclusive a Amazônia, que Mário de Andrade conheceu muito bem. No Brasil de hoje, em que o mundo urbano prevalece sobre o rural, criou-se um falso embate entre literatura urbana e regionalismo. Polêmica inútil, pois a literatura prescinde de rótulos e o que vale mesmo é a qualidade do texto literário. ■

O GLOBO NA INTERNET
Leia trechos dos livros de Milton Hatoum e Mia Couto
oglobo.com.br/cultura

Cineasta de vanguarda tem seus curtas exibidos na Caixa Cultural

Mostra traz ao Rio os seis filmes da diretora americana Maya Deren

André Miranda

Um cinema feito na raça. Começa nesta terça-feira e segue até domingo, dia 15, na Caixa Cultural, uma mostra com filmes da cineasta americana Maya Deren, pioneira do cinema *underground*.

Chamada "O cinema de Maya Deren", a mostra traz ao Rio todos os seis curtas-metragens realizados pela diretora, nos anos 1940 e 1950. Nascida em 1917 e morta em 1961, Maya iniciou sua carreira com artistas como Marcel Duchamp e John Cage, fazendo filmes fora do esquema de Hollywood. A situação era ainda mais complicada pelo simples fato de que a diretora era um mulher tentando se estabelecer numa sociedade machista.

— Ela era totalmente atípica e fazia as coisas na marra — explica Silvia Hayashi, cura-



CENA DO CURTA "Meshes of the afternoon", de Maya Deren

dora da mostra. — Foi a primeira cineasta independente, a primeira a fazer cinema fora de Hollywood. Era um cinema de vanguarda, que nunca foi muito conhecido. Fazem parte da mostra os curtas "Meshes of the afternoon", "At land", "A study in cho-

reography for camera", "Ritual in transfigured time", "Meditation on violence" e "The very eye of the night". As exhibições serão às 14h, 15h30m, 17h, 18h30m e 20h. Na sexta-feira, haverá uma sessão com música ao vivo, às 18h30, seguida de debate. ■

A filosofia de Cristo agora ao seu alcance

O que é real? Como podemos saber o que é real? Quem somos nós? Como devemos viver?

Este e outros livros você encontra aqui.

Ligue: (21) 2573-1000 **na estante** LIVROS

ENTREGA RÁPIDA E GRATUITA! Seg. a Sáb., das 8h às 17h



O filósofo Peter Kreeft traz uma luz a essas perguntas por meio da análise dos ensinamentos de Jesus e de seus conceitos metafísicos, éticos e políticos. Com uma rigorosa e concisa visão, *Jesus, o maior filósofo que já existiu* nos permite entender como cada uma das áreas clássicas da filosofia contribui para uma filosofia ainda maior.



NAS LIVRARIAS

www.thomasonline.com.br

